

8

Angélica Vier Munhoz
Inauã Weirich Ribeiro

INVENTARIANDO O VERBO COMO OPERADOR METODOLÓGICO NO ENCONTRO COM O ARQUIVO

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.94722.8

É DO VERBO QUE SE TRATA

> Não existe absolutamente "o ser" e depois a relação. Existe o "ser", o verbo cujo ato e cuja transitividade se formam em relação(ões), e somente dessa maneira (NANCY, 2017, p. 25).

O texto, que aqui se apresenta, se ocupa em expor um processo de pesquisar que se dá por meio da inventariação de procedimentos, mais especificamente, a partir da escolha de um verbo como operador metodológico. Trata-se de uma experiência que parte de verbos cuja consistência se dá no infinitivo.

Tendo o pensamento da diferença como sustentáculo deste *modus operandi*, lançamo-nos a abandonar as prescrições da pesquisa científica e transitar por territórios fluidos da pesquisa em educação, arriscando-nos a inventariar o nosso próprio procedimentalizar. Para tal feita, nos apropriamos da noção de método de Corazza (2020, p. 15), ao afirmar o "Método como a singularidade ímpar de um Método de Criação, que não busca garantias analíticas ou sintéticas no modelo matemático, nem nas regras da lógica formal, tampouco no conhecimento da Verdade filosófica (*alétheia*)".

Desse modo, o que fazemos é misturar, articular, compor, costurar, inventar, reinventar. E o verbo entra aí como esse operador, conjugando conceitos, teorizações e procedimentos. Porém não se trata de qualquer verbo, mas de uma escolha atenta - qual verbo faz bailar tal pesquisa?

Também a escolha da temporalidade do verbo é fundamental. O verbo no infinitivo diz respeito à ação, está aberto ao jogo das efetuações do acontecimentalizar. Mas também ao trânsito de ideias, às multiplicidades, aos encontros afetivos. Como dizem Deleuze e Parnet (1998, p. 77) "os verbos infinitivos são devires ilimitados". Ainda em relação ao infinitivo dos verbos, dizem os autores:

sumário

> Se os infinitivos 'morrer', 'amar', 'mover', 'sorrir", etc., são acontecimentos, é porque há neles uma parte que sua realização não basta para realizar, um devir em si mesmo que está sempre, a um só tempo, nos esperando e nos precedendo como uma terceira pessoa do infinitivo, uma quarta pessoa do singular (DELEUZE; PARNET, 1998, p.78).

O tempo verbal infinitivo, portanto, remete não a um passado, mas a um tempo do que pode acontecer, das ações ainda por vir, em suma, um tempo das multiplicidades virtuais contidas em nosso presente atual. Daí a ideia das coisas se fazendo. Diante disso, novamente reiteramos a atenção à escolha do verbo, já que talvez fosse mesmo preciso pinçar o verbo com uma certa precisão, pois como diz Orlandi

> os verbos são maravilhosos e terríveis. Impõem comparações anárquicas entre os entes: poder voar, poder devir imperceptível, poder pedalar bicicleta na avenida Paulista…Pois bem, quando os verbos interferem uns nos outros, insuflados pelos seus respectivos infinitivos, eles expõem virtualidades e geram possibilidades de comporem entre si multidões de coreografias para uma dança que, de direito, é ilimitada… neste caso, a ilimitação é do próprio pesquisar (2019, p. 226).

Pesquisar nesta perspectiva também envolve compreender que não conseguimos isolar a vida do campo problemático. Estamos implicados nas experimentações que fazemos com o mundo. Um problema de pesquisa só existe no corpo e mostra certo modo de se relacionar com as nossas escolhas, com as questões ética-estéticas que nos atravessam. Nessa medida, o que pesquisamos não são saberes técnicos, verdades prontas, mas as materialidades que nos subjetivam e que nos tornam aquilo que somos. Contudo, não se trata de uma experiência individual de um eu-pesquisador, o qual apresenta a produção de conhecimento, renunciando aos métodos cartesianos estratificados. É muito mais um encontro com lugares de estranhamento e um arriscar-se a viver outras experiências a partir de um lugar ético-estético-político, que tal modo de pesquisar se reporta. "Ser digno do que

sumário

acontece, extrair alguma coisa alegre e apaixonante no que acontece, uma clarão, um encontro, um acontecimento, uma velocidade, um devir?" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 79). Quiçá o verbo "viver" pudesse dizer do lugar que pesquisamos.

Com efeito, pensar a pesquisa dessa maneira diz respeito a tomá-la na contramão da perspectiva de uma ciência axiomática ou estrutural. Aposta-se, portanto, em uma ciência que, segundo Deleuze e Parnet (1998, p. 81), "torna-se cada vez mais ciência dos acontecimentos, em vez de estrutural. Ela traça linhas e percursos, salta, mais do que constrói axiomáticas".

Posto isso, cabe, pois, afirmar que inventariar um verbo como procedimento de pesquisa implica a criação como princípio, tal como destaca Agostinho (2011, p.05) ao referir-se à poética de Mallarmé, "o verbo é um princípio de criação que cria por ser negação, negação de todo e qualquer princípio, como o acaso, puro negativo. Assim se constitui a 'parole' (fala), que não é outra coisa que uma dissolução no tempo".

SEM ARQUIVO NÃO HÁ PESQUISA

O arquivo também assume a forma do verbo ao ser movimentado, pois é no encontro com o arquivo que o arquivista faz bailar sua pesquisa. O verbo no infinitivo, ao exemplo do "arquivar", faz expressar o *quantum* de força, de vontade (NIETZSCHE, 2009), de um corpo que pode fazer-se sujeito "arquivista".

> Mas não existe um tal substrato; não existe "ser" por trás do fazer, do atuar, do devir; "o agente" é uma ficção acrescentada à ação - a ação é tudo. O povo duplica a ação, na verdade; quando vê o corisco relampejar, isto é a ação da ação: põe o mesmo acontecimento como causa e depois como seu efeito. Os cientistas não fazem outra coisa quando dizem que "a força

> movimento, a força origina", e assim por diante - todo a nossa ciência se encontra sob a sedução da linguagem, não obstante seu sangue-frio, sua indiferença aos afetos, e ainda se livrou dos falsos filhos que lhe empurraram, os "sujeitos" (o átomo, por exemplo, é uma dessas falsas crias, e também a "coisas em si" kantiana): não é de espantar que os afetos entranhados que ardem ocultos, ódio e vingança, tirem proveito dessa crença, e no fundo não sustentam com fervor maior outra crença senão a de que o forte é *livre* para ser fraco, e a ave de rapina livre para ser ovelha - assim adquirem o direito de *imputar* à ave de rapina o fato de ser o que é… (NIETZSCHE, 2009, p. 33).

Nem antes, nem depois: é no encontro com o arquivo que o *quantum* de força faz bailar e produzir uma ficção chamada "pesquisa". Por um artifício retórico, aquilo que a pesquisa produz "acaba aparecendo como uma descoberta" (SILVA, 2017, p. 12). Assim, nessa aparência da descoberta, por meio da sedução da linguagem, se "mal-entende que todo atuar é determinado por um atuante, um 'sujeito'" (NIETZSCHE, 2009, p. 33).

> *Essa espécie grosseira de fetiche* vê em toda parte agentes e ações: crê na vontade como causa em geral; crê no Eu, no Eu como Ser, no Eu como substância, e *projeta* sobre todas as coisas a crença no Eu-substância - unicamente dessa forma é que *cria* o conceito "coisa"... O ser é acrescentado com o pensamento, *introduzido dissimuladamente* em todo parte como causa; unicamente da concepção "Eu" se segue, como derivado, o conceito "ser"... (NIETZSCHE, 2014, p. 28, grifo do autor).

Nos termos nietzschianos, não há um substrato para além da força, para além daquilo que é expresso. Assim, não há a 'coisa' arquivo e o 'sujeito' arquivista de outro; não há o binômio sujeito-objeto. Em uma filosofia da diferença, em meio a qual o pensamento afirma as multiplicidades, não há um substrato indiferente que seria livre para expressar a força ou não, como se fosse possível uma força não se expressar enquanto força. "O ser [*Sein*] é uma ficção vazia. O mundo 'aparente' é o único que existe: o 'mundo verdadeiro' é apenas *mentirosamente acrescentado…*" (NIETZSCHE, 2014, p. 26).

sumário

Sendo assim, no encontro com o arquivo, o arquivar cria, aparentemente, uma 'coisa'-pesquisa produzida por um 'sujeito'- arquivista. Um não existe sem o outro. É com a linguagem que sua invenção toma a aparência que se dá a ela. "Pois 'a aparência' significa aqui a realidade *mais uma vez*, só que agora em uma seleção, fortalecimento, retificação…" (NIETZSCHE, 2014, p. 30, grifo do autor).

Parte-se, portanto, da premissa de que sem arquivos não há pesquisa, pois "o processo de pesquisar não foge das urgências do presente que força a memória. Como distorções, retomadas com vigor e sufoco, passam a inquirir do presente o seu intolerável" (GUARESCHI; REIS; HADLER, 2020, p. 06).

Do arquivo, extraímos as referências, as observações, as experiências, as experimentações, as matérias de estudos. Mas o arquivo não é só o repositório de onde extraímos tais coisas, mesmo que dele nos valemos para também extrair tais coisas. Dito de outro modo, o arquivo é feito para não durar, ainda que dele ecoem memórias. Assim, mais do que "cartografar costas, recifes, baixios, nominar barras, bacias, correntes, os arquivistas mostram como fazer, salvaguardando vidas, preservando culturas, escoando cargas, resolvendo e mantendo a liquidez do arquivo" (CORAZZA, 2017, p. 21).

O gesto de inventariar desativa o arquivo como local de conservação "a fim de tornar os seus elementos ativos para a invenção de um outro real possível" (PIMENTEL, 2014, p. 133). Inventariar um verbo como procedimento metodológico pode servir como um modo de operar com o arquivo. O inventariante busca perceber o arquivo

> como um lugar a ser explorado, um labirinto cujos caminhos estão em constante movimento, ativado intensamente pelas imagens que invadem e colorem as gavetas monocromáticas, desorganizando a ordem linear dos documentos e títulos. Ao entrar nos arquivos, as imagens passam a solicitar novos procedimentos por parte dos arquivistas. Um novo inventário torna-se necessário, e outro futuro possível (PIMENTEL, 2014, p. 138).

sumário

DOS VERBOS INVENTARIADOS

As pesquisas que aqui apresentamos foram produzidas no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, junto ao Grupo de Pesquisa, Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq), existente desde 2013. Cada uma das pesquisas abaixo partiu da inventariação de um verbo, o qual foi tomado como procedimento metodológico. Inventariar um verbo como procedimento metodológico implica tomar, em seu movimento, as matérias que emergem no encontro com o arquivo. Desse modo, apresentamos um arquivo das pesquisas que tomaram verbos no infinitivo para operar referências, observações, experiências, experimentações, matérias de estudos sobre as quais se debruçaram. Arquiva-se uma memória de modo a atualizá-la. Assim, o inventariar um verbo como procedimento metodológico nos permite fazer bailar um arquivo verbal. Expõe-se,abaixo,uma tabela com algumas pesquisas, às quais tomaram verbos como operadores metodológicos. Em seguida,uma descrição de cada uma delas.

Quadro 1 – Inventário de pesquisas que tomaram verbos como operadores metodológicos

Verbo	Pesquisa
Andarilhar	CRIZEL, Ana Paula. **Andarilhar por uma Pedagogia que Fale em Nome Próprio.** 2015. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGEnsino, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado/RS, 2015.
Inventar (figuras)	FREITAS, Francine Nara de. **De Figuras que Invento:** movimentos de professores no currículo da educação infantil. 2015. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGEnsino, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado/RS, 2015.
Nomadizar	PRETTO, Adriana de Oliveira. **Entre-Infâncias:** movimentos nômades do recrio infantil. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEnsino, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado/RS, 2017.

sumário

Colecionar	ZANOTELLI, Alissara. **Ex-Pôr-Se à Experiência**: colecionar e narrar em meio à formação docente. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEnsino, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado/RS, 2018.
Tibungar	DÍAZ, José Alberto Romaña. **Tibuns Com/No MAR (Museu de Arte do Rio)**: mediação e aprendizagem em um espaço poroso. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEnsino, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado/RS, 2018.
Ruminar	RIBEIRO, InauáWeirich. **Práticas de Gênero no Currículo da Univates**: uma perspectiva arquivística e imoralista. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEnsino, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado/RS, 2019.

Fonte: Das autoras (2022).

ANDARILHAR

A dissertação "Andarilhar por uma pedagogia que fale em nome próprio", de Ana Paula Crizel, defendida em 2015, tratou de fabular uma pedagogia que falasse em nome próprio por meio de um andarilhar errante. Essa composição foi possível porque a pesquisa se fez em movimento afetado pelas obras de Francis Alÿs e de outros artistas errantes que têm no andar sua poética de trabalho. Essas obras-movimento se misturaram ao texto e sustentaram o andarilhar, o qual funcionou como modo/método de desenvolvimento desta pesquisa. A arte, a música, a literatura, a filosofia deleuze-guattariana, a pedagogia, foram matérias para a composição de imagens-fábula nas andarilhanças. Nelas o território da pedagogia, por vezes como forma, por vezes como força, em uma ou outra, implicou em deslocamentos no tempo e no espaço. Esses movimentos, com a noção de fabulação, enquanto potência do falso e que produz uma memória de futuro, possibilitou condições para a despersonalização de um determinado território e daqueles que ali viveram/percorreram. Com esse objetivo, inventou-se *Ela*, em muitas vozes que disseram e se movimentaram n'*Ela*.

sumário

A movimentação se fez nessas imagens-fábulas que excedem o real, às quais prenhes de passado, movimentaram o aqui-agora com o desejo de um porvir. As matérias-imagens-movimentos possibilitaram a criação de novas posturas e modos de ocupar-habitar um determinado território.

INVENTAR (FIGURAS)

"De figuras que invento: movimentos de professores no currículo da Educação Infantil", foi a dissertação defendida em 2015, pela autora Francine Nara de Freitas. A pesquisa buscou problematizar a seguinte questão: de que modos diferentes figuras de professor podem movimentar-se na produção do currículo da Educação Infantil? Com base cartográfica, orientada pelas pistas de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, inventou-se cinco figuras - turista, habitante, transbordante, rachador, devorador - a fim de pensar os movimentos de três professores na Educação Infantil. Inventar as figuras e cartografar os movimentos das professoras entre tais figuras, foi o procedimento da investigação. As figuras foram tomadas como sendo ativas em si mesmas, ao invés de simples produtos de relações ou conjuntos identitários. As figuras, que constituem cotidianamente as práticas pedagógicas, são, antes, brechas de produções discursivas. Com o inventar das figuras, a dissertação buscou dobrar identidades e representações, de modo a percorrer movimentos e devires de professoras da Educação Infantil.

NOMADIZAR

A dissertação de Adriana de Oliveira Pretto, intitulou-se "Entre infâncias: movimentos nômades no recreio infantil" e foi defendida em 2017. A pesquisadora buscou estar atenta ao que um grupo de crianças dizia e

sumário

pensava, ao modo como ele movimentava nomadicamente o pensamento – isso não com o intuito de encontrar uma nova forma infância, mas outras formas, outras relações mais informes da infância. As linhas de escrita propuseram-se a funcionar como entoados poéticos; a cada instante, tudo se renovava e a paisagem era redesenhada constantemente. Ao longo da investigação, fluxos, lampejos, escutas provocaram movimentos convidando a ver a vida infantil como recriação de si, com todas as forças inventivas em constante devir. Nos deslocamentos da infância, problematizou-se: o que dizem as crianças em seus movimentos nômades? Como produzem fluxos em meio a devires-infantis? Para operar tais perguntas tomou-se como cenário o recreio de uma escola pública e como tablado a força dos fluxos infantis. Com esse cenário, recorreu-se a ferramentas conceituais de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault. Por essa perspectiva, pensou-se em uma infância por meio da suspensão de verdades de modo a estar atento às novas configurações contemporâneas. Dessa forma, buscou-se suspender as tramas discursivas dos modos de ser e pensar pelos quais tem-se produzido verdades e investido poderes na constituição de identidades-crianças.

COLECIONAR

"Ex-pôr-se à experiência: colecionar e narrar em meio à formação docente" foi a dissertação defendida por Alissara Zanotelli, em 2018. Tratou-se de pensar a experiência, na experiência, com experiência e da experiência. A noção de experiência não foi tomada como uma matéria individual, mas foi permeada por outros territórios, como o ato de colecionar de Walter Benjamin (2012) e sua narrativa. Assim, o colecionador ordenou sua coleção de maneira que a manteve como rastros do que pode ser inventado a partir da experiência. O verbo colecionar tornou-se o procedimento metodológico que movimentou a investigação. Na perspectiva do colecionador, não há um modo único

sumário

ou uma única coleção, mas várias que vão compondo a sua própria experiência. Também não se trata de colecionar para organizar, categorizar, ordenar, pois a "[...] existência do colecionador é uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem" (BENJAMIN, 2012, p. 233). Dessa maneira, o pesquisador-colecionador busca nos lugares esquecidos, na sutileza do gesto, na rapidez da palavra, na expressão do sujeito, fragmentos de sua pesquisa-coleção, a fim de compor sua obra. Tomando como campo de investigação a formação docente, a pesquisa procurou colecionar narrativas que emergiram em meio a experimentações realizadas com uma turma de alunas da disciplina Estudos do Currículo, do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Em meio aos escritos de Walter Benjamin e de outros autores como Giorgio Agamben, Jorge Larrosa, Charles Baudelaire, Honoré de Balzac, Barbey D'Aurevilly e seus comentadores, materializaram-se as escritas narrativas. A experiência tornou-se, assim, o próprio processo de experimentar, inventar, narrar, colecionar, como um ato necessário à existência da experiência.

TIBUNGAR

A dissertação "Tibuns com/no MAR (Museu de Arte do Rio): mediação e aprendizagem em um espaço poroso", foi defendida pelo autor José Alberto Romaña Diaz, em 2018. A pesquisa partiu de uma doca - o Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM) - e se direcionou para uma imersão no MAR – o Museu de Arte do Rio, na cidade do Rio de Janeiro. O propósito de mergulhar no MAR foi tentar compreender de que modo um museu pode tornar-se um espaço poroso, produtor de processos de aprendizagem. Para operar esta investigação, tomou-se as noções de aprendizagem, mediação, transcriação e porosidade. Autores da Filosofia da Diferença e da Educação, como Gilles Deleuze, Michel Foucault, Sandra Corazza e Silvio Gallo, entre outros,

sumário

serviram para o estudo como aportes teóricos. Além disso, o mergulhar no MAR buscou a aproximação de autores que se ocuparam do tema do museu, tais como Carmen Mörsch, George Yúdice, Tony Bennett e Carol Duncan. Imergir no MAR se deu por meio do tibungar, cujo processo implicou em mergulhar e retornar, ir e voltar, traçar mapas. Desse modo, tibungar tornou-se o procedimento metodológico na perspectiva de imergir em espaços ainda não pensados. Pode-se, assim, marear territórios existenciais inéditos, bem como acompanhar fluxos e agenciar novas relações com o outro e consigo. Como resultados de investigação, foi possível visibilizar práticas educativas inventivas, produzidas por educadores/mediadores do referido museu, os quais puderam produzir novas experiências de ensinar e aprender. Outros resultados apontaram o MAR como um espaço poroso, capaz de produzir experiências *com* o seu público (professores ou demais envolvidos). Por fim, a dissertação destacou a relevância dos espaços não escolares, tais como os museus, para a área do ensino, a partir das proposições de práticas pedagógicas que envolvem relações de museu-escola/professor-educador.

RUMINAR

"Práticas de gênero no currículo da Univates: uma perspectiva arquivística e imoralista", foi a dissertação defendida em 2019, por Inauã Weirich Ribeiro. Esta pesquisa partiu da pergunta: de que modo o currículo da Universidade do Vale do Taquari – Univates, vem performando práticas de gênero? Para operar o pensamento a partir da questão anunciada, tomou-se como método a genealogia nietzschiana e foucaultiana. Na perspectiva genealógica, utilizou-se a noção de arquivo para a invenção de um procedimento experimental. Assim, o verbo "Ruminar" emergiu como procedimento de pesquisa. A sua operacionalização se deu por meio de um 'poema da forma'. Este, por sua

sumário

vez, foi sendo modificando ao longo do processo de pesquisa. O poema foi composto com conceitos como “currículo imoralista” e “performatividade de gênero”. Essa forma de poema, o Ruminar, possibilitou a produção de problemas, os quais buscaram transvalorar enunciados de gênero que emergiram na documentação da Universidade do Vale do Taquari. No procedimento de Ruminar - como um arquivar -, o conceito de performatividade de gênero foi tomado como um princípio organizador dos processos de arquivar e arquivizar (AQUINO; VAL, 2018) utilizados. A dissertação produziu descritivamente um currículo imoralista, o qual foi composto pelos discursos de política afirmativa, linguagem, binariedade sexo-gênero, maternidade, estados civis, família, violência de gênero, masculinidade, banheiros. Os enunciados arquivados por meio de suas regularidades, repetições, possibilitaram a visibilização do modo como se proliferam, se modificam e compõem possíveis percursos de habitar uma instituição de ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se apresentar neste texto pesquisas que foram produzidas a partir de um modo particular de orientar investigações no campo da educação e ensino. Estas pesquisas tomaram como procedimento metodológico a inventariação de verbos cuja consistência se dá no infinitivo. Para tal, a inventariação de um verbo foi utilizada como operador metodológico, movimento que só se faz possível no encontro com um arquivo, já que é do arquivo que extraímos, produzimos, atualizamos e reinventamos as matérias de pesquisa. Nesse sentido, pretendeu-se dar visibilidade aos verbos inventariados em algumas das pesquisas, realizadas até então: andarilhar (CRIZEL, 2015), inventar - figuras - (FREITAS, 2016), nomadizar (PRETTO, 2017), colecionar (ZANOTELLI, 2018), tibungar (DÍAZ, 2018) e ruminar (RIBEIRO, 2019).

sumário

Inventariar verbos como procedimentos de pesquisa permite que possamos perceber modos outros de produzir pesquisa em Filosofia em Educação e em Ensino. O verbo no infinitivo possibilita o deslocamento da racionalidade moderna, cuja epistemologia se constrói pelo binômio sujeito-objeto. É o verbo que interessa, pois o 'sujeito' que pesquisa e que pode ser convertido em 'objeto', ou mesmo em próprios 'objetos' de pesquisa são meras ficções criadas na ação de 'pesquisar'. Acredita-se que, talvez, em devir, o que se pode dizer é sempre no infinitivo. Desse modo, o pesquisar se relaciona ao problema de pesquisa como uma linha em que passado e futuro decorrem do presente e se estendem em direção ao infinito.

Por fim, acredita-se que inventariar um verbo como procedimento metodológico de pesquisa envolve a produção de sentidos e a implicação desejante do pesquisador, tão necessária nestes tempos sombrios de pesquisa em educação e ensino.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Larissa Drigo. A poesia de S. Mallarmé. **Acta Scientiarum. Languageand Culture**. Maringá, v. 33, n. 1, p. 31-38, 2011.

AQUINO, JulioGroppa; VAL, Gisela Maria do. Uma Ideia de Arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogya e Saberes [online]**, n. 49, pp. 41-53, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0121-24942018000200041&lng=pt&nrm=iso.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 2).

CORAZZA, Sandra M. Metodosofia: contrato de tradução. In: CORAZZA, Sandra M. (org). **Métodos de Transcriação: pesquisa em educação da diferença**. São Leopoldo, 2020, p. 13 – 36.

sumário

CORAZZA, Sandra M. Exergo – Poética de arquivo. In: CORAZZA, Sandra M. (Org.). **Docência-Pesquisa da Diferença: poética de arquivo-mar**. Porto Alegre, Doisa-UFRGS, 2017, p. 19 – 24.

CRIZEL, Ana Paula. **Andarilhar por uma Pedagogia que Fale em Nome Próprio**. 2015. 153p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2015. Disponível em: https://www.univates.br/ppgensino/producoes/dissertacoes.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DÍAZ, José Alberto Romaña. **Tibuns com/no MAR (Museu de Arte do Rio) Mediação e Aprendizagem em um Espaço Poroso**. 2018. 99p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS, 2018. Disponível em: https://www.univates.br/ppgensino/producoes/dissertacoes.

DÍAZ, José Alberto Romaña. **Um Arquivo em Formação de Professores:** a experiência de Lleida. 2021. p.61. Projeto de Tese (Doutorado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS, 2021.

FREITAS, Francine Nara. **De Figuras que Invento**: movimentos de professores no currículo da educação infantil. 2016. 115p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS, 2016. Disponível em: https://www.univates.br/ppgensino/producoes/dissertacoes.

GUARESCHI, Neusa M. F.; REIS, Carolina dos; HADLER, Oriana H. Texto de apresentação In: GUARESCHI, Neusa M. F.; REIS, Carolina dos; HADLER, Oriana H. (orgs). **Produção de Conhecimento**: profanações do método de pesquisa. Florianópolis: ABRAPSO Editora, 2020, p. 06 – 09.

NANCY, Jean-Luc. **Arquivida**: do sensciente e do sentido. Tradução Marcela Vieira, Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2017.

NANCY, Jean-Luc. **O Crepúsculo dos Ídolos ou Como se filosofa com o martelo**. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção Vozes de Bolso).

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

sumário

ORLANDI, Luiz B. L. Com que verbos cuidar do verbo pesquisar? In: MENDES, R; AZEVEDO, A. B.; FRUTUOSO, M.F. **Pesquisar com os pés. Deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: Hucitec, 2019, p. 225 – 249.

PIMENTEL, Leandro. **O Inventário como Tática: a fotografia e a poética das coleções**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.

PRETTO, Adriana de Oliveira. **Entre-Infâncias**: movimentos nômades do recreio infantil. 2017. 122p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS, 2017. Disponível em: https://www.univates.br/ppgensino/producoes/dissertacoes.

RIBEIRO, InauãWeirich. **Práticas de Gênero no Currículo da Univates**: uma perspectiva arquivística e imoralista. 2019. 193p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS, 2019. Disponível em: https://www.univates.br/ppgensino/producoes/dissertacoes.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 10. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZANOTELLI, Alissara. **Ex-pôr-se à Experiência**: Colecionar e narrar em meio à formação docente. 2018. 92p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS, 2018. Disponível em: https://www.univates.br/ppgensino/producoes/dissertacoes.

sumário